

2

MOÇAMBIQUE: DAS PALAVRAS ESCRITAS⁹

Uma das características mais marcantes desta comunidade chamada Moçambique é a de que ela possui traços extremamente fortes de oralidade [...] uma cultura essencialmente acústica. Designo por cultura acústica a cultura que tem no ouvido, e não na vista, seu órgão de recepção e percepção por excelência.

José de Sousa Miguel Lopes

2.1

O início da literatura moçambicana

O pesquisador José de Sousa Miguel Lopes defende que até o contato com os europeus, Moçambique, como os demais países da África, era uma comunidade ágrafa, de cultura essencialmente acústica. A tradição oral passava de tribo em tribo, grupo, família a família.

Em *A Tradição viva*, A. Hampatê Bá explica a força da oralidade na cultura africana:

Quando falamos de tradição em relação à história africana referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa em penetrar na história e no espírito africano terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimento de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África.¹⁰

A escrita foi uma das heranças deixadas do Ocidente para as colônias africanas. Mas não podemos esquecer que a tradição oral ainda é viva na África. Em Moçambique, uma pequena parcela da população domina a escrita.

O Ocidente faz uma distinção entre as culturas ágrafas e letradas, “as primeiras são classificadas como primitivas, enquanto as segundas são denominadas intelectuais”.¹¹ Para os padrões culturais do Ocidente, a sociedade pertencente a uma cultura ágrafa é tachada de analfabeta por não levar em consideração o saber da tradição oral. De acordo com A. Hampatê Bâ:

⁹ Título do livro organizado por Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses que reúne artigos sobre a literatura moçambicana.

¹⁰ <http://www.casadasafricas.org.br/img/upload/553236.pdf>. Acessado em 20 de junho de 2011.

¹¹ LOPES, José de Sousa Miguel. *Cultura acústica e cultura letrada: o sinuoso percurso da literatura em Moçambique*. Artigo publicado na Revista Afroletras, ano 2000, n. 5 p. 38-44.

Entre as nações modernas onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que os povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após duas últimas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro.¹²

A tradição oral é muito importante na África e deve ser entendida como um dos componentes culturais deste povo, tão importante quanto à escrita para o Ocidente. No entanto, não se pode negar o contato da comunidade moçambicana com a escrita, por menor que seja a parcela da população que a domina. Além disso, em Moçambique, mesmo após a independência, a língua oficial continuou sendo o português, nas escolas é a língua ensinada.

Atualmente, muitos escritores moçambicanos publicam literatura em diversas partes do mundo, tais como: Mia Couto, Paulina Chiziane, José Craverinha, João Paulo Borges Coelho. Para estudiosos da literatura moçambicana, como Fátima Mendonça e Francisco Noa, esses são escritores que despontaram na literatura após a década de 70. Uma pergunta torna-se pertinente: não existia literatura moçambicana, até então? E se existia por quem era feita essa literatura? No decorrer deste capítulo pretendo compreender o percurso da literatura em Moçambique, com o intuito de perceber de que forma foi criada a cultura da escrita em Moçambique.

Até 1975, Moçambique ainda era colônia portuguesa. As primeiras produções literárias aparecem neste período e são chamadas de “literatura colonial” e, em sua maioria, apresentavam como temática a supremacia dos brancos civilizados sobre os negros, tidos como inferiores culturalmente. Mas encontramos também, a partir das décadas de 40 e 50, uma literatura que apresentava uma temática diferenciada, tratava de temas relativos ao país, era a primeira tentativa de fazer uma literatura nacional. Por esse motivo, encontramos escritores que escreveram em ambos os períodos.

A construção da imagem do império africano na literatura¹³ foi uma espécie de ação do Estado Novo, consolidada pela promoção dos Cadernos

¹² Bá, A. Hampatê. *A tradição oral*. < <http://www.casadasafricas.org.br/img/upload/553236.pdf>>. Acessado em 20 de junho de 2011.

¹³ Subtítulo de um artigo de Margarida Calafate Ribeiro sobre as literaturas feitas nas colônias portuguesas africanas: Uma História de regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-colonial. 2004, Editora Afrontamento.

coloniais e depois pelos Concursos Literários da Agência Geral das Colônias. No entender de Calafate Ribeiro, “[eram] acções promovidas pelo Estado Novo para divulgar e mediatizar ‘o mundo português’ uma especial atenção foi dada à literatura com o objectivo de que trouxesse à metrópole um maior conhecimento da realidade da África portuguesa” (RIBEIRO, 2004, p. 137). Ao mesmo tempo em que serviam aos propósitos do Estado Novo, de criar uma imagem de que existia um “Império” português no além mar, as literaturas coloniais também entreteriam uma sociedade burguesa, ávida por histórias de aventuras. Noa conclui que:

(...) a literatura colonial é um facto consumado. Isto é, produziram-se inúmeros textos líricos, dramáticos e narrativos que, com maior ou menor valia estética, exprimindo visões de mundo determinadas, circularam com uma certa intensidade durante cinco ou seis décadas, envolvendo leitores metropolitanos e “ultramarinos”, e foram objectos de crítica, de premiação e de consagração publica e institucional (NOA, 2002, p. 44).

As literaturas coloniais eram relatos do contato do branco com o ambiente africano, com os negros, relatos que passavam em sua maioria o olhar preconceituoso dos africanos, em que estes eram tidos como inferiores: cultural, racial e psicologicamente. Em contrapartida, os brancos eram retratados como superiores desbravadores de terras difíceis.

Um bom exemplo do que afirmamos é o romance *O Vélo D’Oiro*, de Henrique Galvão:¹⁴

Dir-se-ia que, depois da minha enorme viagem, de mais de vinte dias, a galgar distâncias, a devorar milhas, chegara outra vez a um cantinho de Portugal, com o seu ar lavado, a sua paisagem fresca, a sua fisionomia hospitaleira [...] Afinal tudo aquilo era enternecedoramente português – português da província, ora tristonho e suave, macambúzio e monótono, ora vivo e alvo [...] Se não fora a nota bizarra que davam os pretos, cruzando frequentemente a estrada ou espreitando curiosamente por entre o capim, eu não podia conceber que pertencesse à África aquela paisagem abençoada, onde sangravam telhados vermelhos de Minho e pastavam rebanhos suaves da Beira [...] E também aquelas mulheres de lenços garridos e faces crestadas, com o penteado apanhado no alto do toutiço, e aqueles homens bisonhos, de largos chapéus e cajado na mão eram puras manchas da vida portuguesa das aldeias (GALVÃO, 1936, p. 27-29).

Podemos perceber na primeira parte da citação que os substantivos utilizados para qualificar Portugal são todos positivos e ajudam a criar uma

¹⁴ Vencedor do prêmio literário de 1933 promovido pela Agência Geral das colônias com o romance *O Velo D’oiro*.

imagem de que aquele era, sim, um território português. Todavia, o que “manchava” aquele lugar tão especial era a presença dos pretos. Notaremos posicionamento semelhante ao do romance de Henrique Galvão, em *A neta de Jazira*, de Maria Beira:

Os que lhes [aos negros] agradava era examinarem tudo, mesmo a mais insignificante minúcia, com aquela curiosidade infantil tão característica nos povos atrasados, para poderem, mais tarde, entre si, fazer os seus comentários, alguns não desprovidos de um certo espírito crítico (BENTA apud NOA, 2008, p. 38).

Nas duas citações utilizadas podemos observar o tipo de temática encontrada nas literaturas coloniais. Muitos textos foram premiados, como o romance de Henrique Galvão. No entanto, essas produções literárias não são exemplos de literatura nacional operativa, em países colonizados como Moçambique.

Talvez seja por isso que Fátima Mendonça questiona a partir de que momento é possível falar em um cânone, ou uma geração de escritores, na literatura feita em Moçambique¹⁵. Ou ainda perguntar: a partir de quando é possível falar, por exemplo, em uma geração de escritores de literatura, marcadamente nacional, em Moçambique?

Hamilton afirma que o início da literatura moçambicana apresenta três fases diferentes: a primeira era realizada por indígenas pertencentes à burguesia e mestiços, filhos dos europeus, nascidos em Moçambique, ou europeus de nascimento, mas criados na colônia; a segunda fase apresenta textos que buscavam o reconhecimento da cultura e da raça dos nativos; a última fase traz uma literatura de cunho político, com temáticas que defendiam o fim da colonização.

Fatima Mendonça também pontua uma periodização para os processos literários ocorridos em Moçambique. Segundo a estudiosa os períodos se dividem da seguinte forma: de 1925-1947 encontra-se uma literatura que tematiza a política de assimilação; de 1947-1964 os escritores utilizam seus poemas para lutar contra o colonialismo, alguns historiadores pontuam que esta mudança de paradigma é provocada pelo momento político que vivia Portugal (decadência da

¹⁵ Cf em Mendonça, Fátima. 1988.

Ditadura Nacional); de 1964-1975 encontramos textos comprometidos com a busca de uma identidade nacional e com o fim do regime colonial.

A professora Camem L.T. R. Secco também estabelece uma cronologia para a literatura moçambicana, tal qual Hamilton e Mendonça. Todavia Secco faz uma ressalva

(...) é importante esclarecer, entretanto, que a maior parte desses poetas passa por outras fases, continuando a escrever até o presente, como ocorre também com vários poetas das fases seguintes. Na verdade, essa divisão é apenas didática, pois estes paradigmas e fases não são estanques, nem seguem uma rígida cronologia; alguns deles se apresentam, até em diferentes momentos da obra de um mesmo poeta (SECCO, 1999, p. 17).

De acordo com Mendonça, uma literatura com características diferentes da literatura colonial começou a ser feita em Moçambique, no início do século XX, com a abertura dos jornais *O Africano* (1908 - 1918), editado em português e em ronga¹⁶, e *O Brado Africano* (1918-1974). Estes jornais abriram espaço para escritores que produziam textos que se afastavam dos valores coloniais.

Em 1909, o editorial do jornal *O Africano* declara: “seremos tolerantes no que puder ser, mas muito duros na apreciação das várias patifarias de que os filhos do Ultramar são victimas [sic] e, sobretudo, pugnaremos pela instrução” (NOA apud RIBEIRO & MENESES, 2008, p. 37). Os objetivos principais deste jornal eram a instrução e a melhoria das condições de vida da população colonizada. O jornal era ligado ao Grêmio Africano, uma espécie de associação nacionalista fundada em 1909. Participavam do Grêmio um pequeno número de negros e mulatos com pouca instrução, que reivindicavam instalação de escolas e o direito ao ensino a todos que viviam na colônia.

Apesar de todo o cunho social que apresentava os jornais dos irmãos Albasini, o professor Francisco Noa pontua que os donos dos jornais *O Africano* e *O brado africano*, os jornalistas João e José Albasini¹⁷ e outros escritores que publicavam poemas nos referidos jornais, ao mesmo tempo em que lutavam com sua escrita contra o regime colonial, também reivindicavam a sua cidadania portuguesa, já que os mesmos eram moçambicanos assimilados, o que demonstra a fragilidade dos argumentos defendidos pela literatura que esses faziam.

¹⁶ Língua falada Moçambique e na África do Sul, oriunda do Tswa-Ronga, da língua Bantu.

¹⁷ Cf. em Ribeiro e Meneses, 2008, p. 34-45.

Todavia, Chabal Patrick afirma que a contribuição dos irmãos Albasini foi primordial para a construção de uma literatura moçambicana. O Jornal dos irmãos Albasini abriu um espaço não só para publicações, mas também para debates, possibilitando ainda uma pequena circulação do pensamento político, contrário à situação colonial.

A respeito do nascimento da literatura em Moçambique, Mia Couto afirma que, no decorrer da primeira metade do século XX,

(...) nascia em Moçambique uma corrente de intelectuais ocupados em procurar a moçambicanidade. Já era então, clara a necessidade de ruptura com Portugal e os modelos europeus. Escritores como Rui Noronha, Noémia de Souza, Orlando Mendes, Rui Nogar, ensaiavam uma escrita que fosse mais ligada à terra e à gente moçambicana (COUTO, 2005, p. 104).

A afirmação de Couto leva a pensar na importância da literatura para a criação de uma cultura escrita e para o fortalecimento do sentimento de necessidade de uma identidade nacional. O grupo destacado por Couto faz parte da primeira geração, juntamente com José Craverinha, autores que eram extremamente politizados, responsáveis pela difusão da ideologia contrária ao colonialismo.

Acredito ser importante, mesmo que de maneira breve, percorrer os caminhos da literatura moçambicana para obter uma melhor compreensão das narrativas do escritor, tema deste estudo. As narrativas de Couto estão inseridas neste grupo de produções feitas em Moçambique e que apresentam como temáticas as especificidades do país. Dessa forma, pensar na consolidação das palavras escritas de Moçambique possibilitará um entendimento mais claro da estilística e estética do escritor.

2.2

Consolidação das palavras escritas

O professor Francisco Noa defende a ideia de que foi na década de 40, quando também surgem movimentos literários de consciência nacional, em Angola e Cabo Verde, que surgiu a primeira geração de escritores, os quais fizeram uma literatura moçambicana:

Aglutinados à volta de um periódico, *Itinerário* (1941-1945), que se publicava na então Lourenço Marques¹⁸, ou com intervenções pontuais, são jovens que de forma inconformada e inovadora, mas adulta, dão início à produção literária não só de reconhecida qualidade estética, temática e ideológica, como também seguindo tendências diversificadas (NOA, 2008, p. 38).

Essa nova literatura se distancia totalmente das características da literatura colonial, procurando pontuar em seus poemas as questões locais e a cultura moçambicana. Dentre os nomes dessa geração estão: José Craverinha, Noemia de Sousa, Rui Knopfli, Rui Nagor, entre outros. Para alguns estudiosos, estes escritores fazem parte da primeira geração de uma literatura genuinamente moçambicana, uma vez que apresentavam textos que trabalham como tema os acontecimentos históricos e políticos do país.

As produções literárias do período eram marcadas por forte crítica à realidade política e social de Moçambique. Na maioria das vezes seus textos denunciavam as injustiças do sistema colonial. A título de exemplo, podemos recuperar uma passagem do poema *Nossa voz*, de Noêmia de Sousa, dedicado ao também poeta, José Craverinha, em que é possível perceber claramente um ‘grito’ contra o sistema colonial:

*Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
nossa voz ardente como o sol das malangas
nossa voz atabaque chamando
nossa voz lança de Maguiguana
nossa voz, irmão,
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
e revolucionou-a
arrastou-a como um ciclone de conhecimento*
(SOUSA, 2001, p. 33-34).

Em Moçambique, vozes de luta se erguiam em meio ao colonialismo tardio português. A literatura permitiu a inserção de novas temáticas e novos horizontes relativos aos moçambicanos. Eram os primeiros indícios de uma literatura nacional em Moçambique. Esta literatura procurava reescrever o passado e tornou-se “uma estratégia estético-ideológica que tem em vista protestar contra distorções, manifestações e exotismo executado pelos inventores colonialistas da África” (HAMILTON, 1999, p18).

¹⁸ Atualmente cidade de Maputo, capital de Moçambique.

Francisco Noa afirma que a partir da década de 60 começa a aparecer uma literatura marcadamente de combate, reflexo do início da luta armada em Moçambique, contra o regime colonial. Textos panfletários que buscavam criar uma nação livre. De acordo com Mendonça, “compromisso, acção e intervenção parecem ser palavras de ordem que orientam essa literatura”.¹⁹ A literatura foi o espaço que permitiu combater a imagem estereotipada, tal como eram representados, e a valorizar a História que nunca foi contada. Dessa forma, foi possível tentar desfazer o estereótipo formulado pelo colonizador.

Neste período surgiu uma das obras mais importantes da literatura moçambicana, *Nós matamos o cão tinhoso*, de Luiz Bernardo Honwana. O livro é formado por um conjunto de contos que retratavam a situação dos africanos na sociedade colonial. De acordo com Hamilton este é um dos livros mais importantes deste período. Com a escrita de *Nós matamos o cão tinhoso*, Honwana realiza “actos de subversão explícitos”, uma vez que escreveu em prosa de ficção e construiu uma nova narrativa moçambicana que superou as barreiras raciais sem deixar de levar uma mensagem de protesto.

O livro foi traduzido para a língua inglesa com o título de *We killed Mangny Dog & other Mozambique Stories*, em 1969. Segundo Hamilton o livro “veio a ser a primeira obra de ficção da África lusófona largamente difundida no exterior” (HAMILTON, 1984, p. 46).

Até a década de 80 a literatura em Moçambique manifestará sentimentos revolucionários, ao vislumbrar novas realidades possíveis. De acordo com Noa e Mendonça, neste período, os textos editados na imprensa apresentavam pouca relevância estética e levantavam muita polémica entre os grupos que defendiam uma literatura preocupada com a estética e os que defendiam uma literatura política de confronto.

José Craverinha, Noemia de Sousa, Rui Knopfli, Rui Nagor, Honwana conseguiram com seu discurso literário perturbar uma ordem canonizada em seu país, fizeram o que defende Edward Said desfazer consensos,

recusar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais tem a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer em público (SAID, 2005, p. 36).

¹⁹ Mendonça, Fátima. 1988.

Dessa maneira conseguiram fortalecer uma cultura das palavras escritas no país e consolidar uma literatura nacional.

Nesse período toma ‘corpo’ uma literatura nacional, que se propunha a trabalhar como temática a realidade vivida pelo povo moçambicano, levando à massa um discurso literário contra o governo colonial e contra a opressão imposta por este governo.

Para importantes pesquisadores moçambicanos, como Noa, Mendonça e Leite, é a partir da década de 80 que a literatura moçambicana apresenta diversidade temática e qualidade textual. Credita-se esta solidificação da literatura moçambicana a duas importantes criações: a AEMO – Associação de Escritores Moçambicanos (1982) e a revista *Charrua* (1984).

A AEMO ajudou diversos escritores a editarem seus livros, além de ter estabelecido um espaço para importantes debates. Já a revista *Charrua* trouxe em seus editoriais importantes escritores, como Eduardo White, Suleiman Cassamo, Ungulani Ba Ka Khosa, entre outros. Para Secco, a Revista *Charrua* traz

‘um conceito alargado de moçambicanidade’, que engloba estilo e linguagens variados, não se limitando às poesias que exaltavam apenas os aspectos regionais de Moçambique. Surge uma produção literária de recriação artesanal e textualidade poética (SECCO, 1999, p. 27).

A produção literária editada na revista chamava a atenção pela qualidade estética e pela liberdade dada aos escritores na escolha dos temas a serem tratados. Além disso, a revista abria espaço para novas experiências textuais. Foi na *Charrua* que Ba Ka Khosa lançou uma novela intitulada *Ualalapi*.

É justamente na década de 80 que se consagra o escritor, cuja produção literária é o tema desta dissertação, Mía Couto, juntamente com outros escritores moçambicanos, como Paulina Chiziane, Luís Carlos Patraquim e Nelson Saúte, autores que voltam as suas produções literárias para questões como a mulher em Moçambique, a guerra civil e o cotidiano do país. Além disso, como afirma o professor Francisco Noa, escritores como Armando Artur, Luis Carlos Patraquim e Eduardo White exploravam também o erotismo como temática em sua poesia, como se pode notar no poema *Meu país*, de Eduardo White:

*Teu corpo é o país dos sabores,
da súplica e do gozo,
é essa taça onde bebo
toda a loucura a que me converto, teu corpo, meu Deus, teu corpo,*

*é a vida,
 os estames altos.
 os gestos lentos,
 as carnes e as águas,
 teu corpo é essa casa feliz
 onde se celebra
 a loucura e o frio dentro das falésias,
 teu corpo é um
 amor de suplícios,
 amor que não sobra,
 não resta
 e que nem mesmo de fadiga cessa.*
 (WHITE, 1989, p. 32)

Este período fértil da literatura moçambicana, responsável por consolidar definitivamente uma cultura das palavras escritas, iniciou-se na década de 80, formado por escritores que atualmente são os mais importantes de Moçambique e que promovem, com a sua produção literária, o país. Este é o caso de Paulina Chiziane, Mia Couto, Eduardo White e tantos outros. Seus livros atravessaram os Oceanos e hoje circulam em muitos países do Ocidente.

No entanto, mesmo com o aparecimento de novos escritores e de novas temáticas, a literatura panfletária, de cunho expressamente ideológico, ainda se apresentava com muita força. O país já havia alcançado a independência e para alguns escritores já não havia mais a necessidade de fazer uma literatura tão marcada politicamente. Mendonça pontua que:

Entre finais dos anos setenta e principio de oitenta, assistiu-se à construção de alguns ideais que intervieram eficazmente na definição política de literatura nacional, como resultado da influência ideológica da FRELIMO na intensa vida cultural do país. Salientava-se o papel da literatura – com relevo para a poesia – na construção de uma ideia de nação (MENDONÇA, 2008, p. 27).

Com a chegada da independência, alguns escritores como Honwana defendiam uma literatura que buscasse a experimentação estética e a criação de novos modelos de escrita. Ao Estado já não cabia mais a decisão do rumo da literatura moçambicana. Constantes debates na AEMO já tratavam desta necessidade de uma busca pela “autenticidade fosse ela temática ou discursiva”²⁰.

Em 1986, Mia Couto lança o livro de contos *Vozes anoitecidas* que causou muita polêmica entre os próprios escritores que faziam parte da AEMO. Muitos

²⁰ Cf em Mendonça, 2008.

criticavam Couto, afirmando que ele não podia tratar do universo rural moçambicano pelo fato de este não fazer parte de sua vivência. No texto de abertura do livro, Couto fala que as histórias contadas são fruto de suas escutas e de suas observações da realidade moçambicana; outras são fruto de sua imaginação. De acordo com o escritor:

Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros. Existe no nada essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes. Estas estórias desadormeceram em mim sempre a partir de qualquer coisa acontecida de verdade, mas que me foi contada como se tivesse ocorrido na outra margem do mundo. Na travessia dessa fronteira de sombra escutei vozes que vazaram o sol. Outras foram asas do meu voo de escrever. A umas e a outras dedico este desejo de contar e de inventar (COUTO, 1988, p. 4).

José Craverinha, ao falar do livro de Couto, afirma que:

(...) esta colectânea de contos com que Mia Couto se estréia na ficção, tem quanto a nós precisamente o mérito de restabelecer o elo, reavivar uma continuidade, partindo do Godido de João Dias, passando inevitavelmente pelo *Nós matamos o Cão Tinhoso*, de Luís Bernardo Honwana.²¹

Para escritores como Rui Nogar, o livro de Couto não estava de acordo com o momento político do país. Nogar fazia coro com aqueles que afirmavam que a literatura devia ser endereçada aos impasses políticos mais imediatos. Ainda no prefácio de *Vozes anoitecidas*, Craverinha afirma ser um grande equívoco por parte dos que faziam uma crítica negativa do livro. Para o poeta:

Vozes Anoitecidas imbui-se de um referencial algo importante para nós moçambicanos, literalmente: Indo afoitamente remexer as tradicionais raízes do Mito, o narrador concebe uma tessitura humano-social adequada a determinados lugares e respectivos quotidianos. Mia Couto faz-se (transfigura-se) vários de seus personagens pela atenta escuta de pessoas e incidentes próximos de si, porque o homem-escritor quer-se testemunha activa e consciente, sujeito também do que acontece e como acontece, já que desde a infância pôde saber-se objecto²².

Mia Couto, ao escrever *Vozes anoitecidas*, faz o que defendia Honwana e muitos outros escritores: uma experimentação estética. Produz um texto literário independente de modelos pré-estabelecidos. Apesar das muitas críticas negativas, após a publicação do livro *Vozes anoitecidas*, Couto passou a ser visto por muitos

²¹ Prefácio da segunda edição do livro *Vozes anoitecidas*, assinado por José Craverinha.

²² Ibidem

críticos como um dos escritores mais importantes da geração pós-independência. Para Fátima Mendonça, o livro de Couto pontua uma importante mudança de paradigma na literatura moçambicana:

(...) a transição de uma reflexão fundamentada nos princípios rígidos do realismo socialista para o confronto entre posicionamentos diversificados marcados uns pelo senso comum e outros por diferentes perspectivas teóricas, mas que começavam a afastar-se dos pressupostos dirigistas iniciais (MENDONÇA, 2008, p. 28).

Dessa forma, Mia Couto dava continuidade ao processo de renovação literária inaugurada com a revista *Charrua*, importante por permitir experimentações estéticas e abrir espaço para novos e antigos escritores. A escrita panfletária que marcava a literatura moçambicana não chega ao fim, mas com a chegada da independência perde a sua força porque alguns autores, dentre eles Honwana e Couto, iniciam uma renovação estética e estilística, buscando uma escrita mais intimista e individual, uma escrita que não deixou de olhar para Moçambique ou de querer ver a nação erguida.

Na década de 80 a cultura das palavras escritas por meio da literatura estrutura-se definitivamente com uma geração formada por antigos e jovens escritores que, em constantes debates na AEMO e em buscas individuais pela renovação estética de suas formas de fazer literatura foram dando forma à literatura moçambicana.